

# JOGOS DE LINGUAGEM DAS PALAVRAS NA TRADIÇÃO LEXICOGRÁFICA E GRAMATICOGRÁFICA

Antonio Cilírio da Silva Neto (UFT)

[acilirio@bol.com.br](mailto:acilirio@bol.com.br)

Ana Cláudia Castiglioni (UNESP; UFT)

[anacastiglioni@hotmail.com](mailto:anacastiglioni@hotmail.com)

## RESUMO

Este artigo verifica e reflete sobre a tradição lexicográfica (nos dicionários de Raphael Bluteau, Antônio de Moraes Silva e Domingos Vieira), gramaticográfica (em Dionísio da Trácia e sua *Techné Grammatiké*) e o jogo de linguagem das palavras. Espera-se que a partir desse entendimento novas possibilidades possam ser estabelecidas para a compreensão do que foi a produção de um dicionário e de uma gramática e a suas multiplicidades de usos. O uso da linguagem como forma dinâmica, considerando os elementos histórico-sociais na construção e enunciação dos códigos linguísticos. Para fundamentar esta pesquisa indaga-se sobre a teoria filosófica de Ludwig Wittgenstein. Como ponto de partida metodológico fia-se em pesquisas bibliografias e outros meios que estão direcionados às investigações filosóficas. Essas têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. Concluiu-se que na linguagem, a produção lexicográfica e gramaticográfica são dinâmicas e estão em constante movimento. Estudar estes dicionários e aquela gramática com seus códigos mutantes nos fez examinar suas regras e nos preparar para os desafios que o jogo de linguagem das palavras proporciona.

Palavras-chave: Lexicografia. Gramaticografia. Linguagem.

## ABSTRACT

The aim of this article was to verify and reflect on the lexicographic tradition (in the dictionaries of Raphael Bluteau, Antônio de Moraes Silva and Domingos Vieira), grammatical (in Dionysius of Thrace and his *Techné Grammatiké*) and the language game of words. It is hoped that from this understanding new possibilities can be established for the understanding of the production of a dictionary and a grammar and its multiplicities of uses. The use of language as a dynamic form, considering the social-historical elements in the construction and enunciation of language codes. To substantiate this research inquires about the philosophical theory of Ludwig Wittgenstein. As a methodological point of departure, bibliographies and other means that are directed to the philosophical investigations are also reliable. These have as main purpose to develop, clarify and modify concepts and ideas. It was concluded that in the language, the lexicographic and gramaticographic production are dynamic and in constant movement. Studying these dictionaries and that grammar with their mutant codes has made us examine its rules and prepare for the challenges that the language game of words provide.

Keywords: Lexicography. Gramaticography. Language.

## **1. Introdução**

Teorias linguísticas são desenvolvidas a respeito da linguagem e de seus códigos linguísticos a partir de filósofos, lexicógrafos, gramaticógrafos e linguistas. Dessa forma, os estudos filosóficos acerca da linguagem e o estudo da construção dos dicionários e das gramáticas como códigos, também são inerentes para o entendimento do homem enquanto ser social. Neste artigo, aborda-se sobre a tradição lexicográfica (construção de dicionários) e gramaticográfica (construção de gramáticas), estabelecendo, portanto, relações com os jogos da linguagem, e mais especificamente em Ludwig Wittgenstein (1994), em seu estudo sobre "jogos de linguagem". Espera-se que, a partir desse entendimento, se possa estabelecer novas possibilidades para a compreensão do que seja um dicionário e uma gramática e a multiplicidade de usos que se faz desses objetos de estudo e pesquisa.

Diante disso, coaduna-se com a afirmação de Telmo Verdelho (1995), citado por Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (2001), quando discorre em seu artigo sobre os dicionários de Raphael Bluteau, Antônio de Moraes Silva e Domingos Vieira na tradição lexicográfica portuguesa, para essa autora "a lexicografia do renascimento e a lexicografia da modernidade, em geral, é a aceitação da possibilidade de permanente aperfeiçoamento e atualização dos dicionários". (MURAKAWA, 2001, p. 153)

Paulatinamente, a gramaticografia e a lexicografia passaram a ocupar notoriedade na cultura portuguesa. Entende-se, assim, que tanto na elaboração gramaticográfica quanto na lexicográfica a compreensão dos fatos da realidade já não era tida como estática como na Idade Média, em que os dicionários eram tidos como um *corpus* fixo. Esses objetos, no Renascimento, também foram passíveis de reformulações e acréscimos gramaticais.

Ademais, os dicionários da época passam a ter um valor essencialmente pedagógico, não que já não tivessem essa função em outras épocas, isso se deu em decorrência dos resultados de uma renovação escolar humanista. Eles serviram para auxiliar na programação escolar no ensino da língua latina. No Renascimento, os dicionários de domínios de significação, de palavras difíceis e os poéticos, motivaram o aparecimento dos dicionários bilíngues, principalmente os de latim-português, formando assim jogos de linguagem.

Dessa maneira, afirma-se que a palavra está estreitamente ligada

com as pessoas e o mundo ao seu redor, produzindo sentidos, reflexões e intenções; assim, tanto a palavra dicionarizada quanto a palavra da gramática provocam um jogo de sentidos, um jogo de linguagem.

## 2. *O jogo de linguagem das palavras*

Os jogos de linguagem das palavras só terão significados a partir das relações estabelecidas entre um emissor e um receptor e desses com o mundo. Assim, quando mudamos de jogo, novos sentidos são criados. Diante disso a função dos jogos de linguagem, entre a lexicografia e a gramaticografia, será fazer com que os indivíduos tenham prudência (*phronesis*), reflitam sobre suas ideias e aprendam a compreender e interpretar o jogo, como verdadeira virtude da ação humana, a prudência tida como ato de reflexão profunda da palavra.

Para Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, a significação das palavras não se apresenta de maneira satisfatória e simples; porém, o grafito<sup>1</sup> da complexidade da linguagem humana resulta em uma tarefa fascinante em relação às ideias contidas e levadas pelas palavras, originando a beleza e a riqueza do léxico (cf. OLIVEIRA, 2015). Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, no livro *Cattus, Feles et Pinguis: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas*<sup>2</sup>, de 2015, traz-nos a seguinte metáfora:

Os felinos têm sete vidas; as palavras, também – vidas ortográficas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e etimológicas (também semióticas e/ou intertextuais). Dessa forma, as palavras são como gatos: amigas, às vezes; rebeldes e individualistas, noutras vezes, mas sempre cheias de intenções; além disso, como os gatos, e, também como os felinos, são seduzidas e possuídas somente a distância, como salientou Merleau-Ponty (1980, p. 145), as palavras são 'atraídas, visitadas a distância pelo pensamento, como as marés pela lua'. (OLIVEIRA, 2015, p. 07/08)

Destarte, nessa obra, o autor espera que realmente visitemos as palavras, sendo atraídos por elas com prazer, e que estas nos possibilitem a

---

<sup>1</sup>O vocábulo '*grafitto*' foi forjado em 1789 pelo mineralogista alemão A. G. Werner (1750-1817), que denominou o mineral '*Graphit*' em alusão ao seu emprego como lápis (*Graf(o)* – escrever, descrever, desenhar). *Grafite* – variedade de carbono cor-de-chumbo de que se faz a parte do lápis usada na escrita (inscrição, estudo, descrição...) (CUNHA, 2000)

<sup>2</sup>*Cattus, feles et pinguis: Gatos, Felinos e Intenções?* (OLIVEIRA, 2015) Tradução de Antonio Cilirio da Silva Neto.

atração, a visita a distância, e a posse das intenções e das vidas dos vocábulos.

Paulatinamente, para entender-se o que se leva em consideração na elaboração de um dicionário e de uma gramática é que o lexicógrafo e o gramaticógrafo buscam em sua época para tal construção. Da mesma forma, um filósofo pode mudar de posturas conforme reflete sobre os usos da linguagem no decorrer do tempo.

Observa-se que com Ludwig Wittgenstein não foi diferente. O primeiro Ludwig Wittgenstein (1921), segundo Sílvia Faustino de Assis Saes, considerava seu "velho modo de pensar" da seguinte maneira:

i) a concepção de que a linguagem tem função exclusiva de representar o mundo; ii) a visão de que a linguagem e o mundo se correlacionam pela estrutura lógica essencial que têm em comum; iii) a crença de que as condições e os limites do sentido na linguagem podem ser estabelecidos de uma só vez, por uma única forma lógica geral da proposição (SAES, 2013, p. 41-42).

Cabe ressaltar que, segundo Sílvia Faustino de Assis Saes, no *Tractatus* proposição e nome são contrastantes. As proposições têm sentido (*Sinn*), e nelas figuram fatos, casos, estados de coisas possíveis, já os nomes têm o significado (*Bedeutung*) em coisas e objetos, "um nome toma o lugar de uma coisa; o outro, de uma outra coisa, e estão ligados entre si, e assim o todo representa – como um quadro vivo – o estado de coisas". (SAES, 2013, p. 43)

Destarte, no *Tractatus*, o primeiro Ludwig Wittgenstein atualiza a perspectiva aristotélica de que "a linguagem é concebida como um discurso apofântico (*lógos apophantikós*), isto é, como um discurso ao qual cabe o verdadeiro ou o falso, por sua pretensão de descrever o real". (SAES, 2013, p. 46)

O segundo Ludwig Wittgenstein (1945) considerou seu "novo modo de pensar" da seguinte maneira:

a linguagem é um instrumento a serviço das funções comunicativas que visam à produção da vida, e seu funcionamento depende de habilidades, capacidades e disposições que são adquiridas e consolidadas pelos hábitos e costumes. Por esse motivo, as condições de ensino e de aprendizado das palavras representam um papel importante na explicação do que se "quer dizer" (*meinen*) com elas. (SAES, 2013, p. 47-48)

Conforme esse novo modo de pensar, depreende-se que "os jogos de linguagem" significam o todo, são processos de usos das palavras, sinais ou gestos que se ligam à convenções e a comportamentos regulados,

constituindo assim a sua gramática, ou seja, diferentes jogos necessitam de diferentes gramáticas; e diferentes gramáticas possuem diferentes padrões de correção dos usos das expressões. Compreendemos assim que a linguagem instaura uma concepção linguística e normativa da realidade.

Para Ludwig Wittgenstein "os jogos de linguagem são uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida" (SAES, 2013, p. 53), por exemplo, jogos de linguagem de:

comandar e agir segundo comandos; descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas; produzir um objeto segundo uma descrição (desenho); relatar um acontecimento; conjecturar sobre o acontecimento; expor uma hipótese e prová-la; apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas, ler, representar teatro, cantar uma cantiga de roda, resolver enigmas, fazer uma anedota, contar, resolver um problema de cálculo aplicado, traduzir de uma língua para outra, pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar etc. (SAES, 2013, p. 53-54)

Portanto, quando se fala em dicionarizar palavras, dar vida as palavras "correto e falso é o que os homens *dizem*, e na *linguagem* os homens estão de acordo. Não é um acordo sobre as opiniões, mas sobre a forma de vida" (SAES, 2013, p. 70). Assim, no jogo de linguagem das palavras, enquanto algumas nascem, outras podem ser esquecidas e uma das maneiras de não as esquecer será dicionarizá-las, como fez Raphael Bluteau, Antônio de Moraes Silva e Domingos Vieira na sua produção lexicográfica.

### **3. A produção lexicográfica: os dicionários de Raphael Bluteau, Antônio de Moraes Silva e Domingos Vieira**

Para Herbert Andreas Welker (2004), apoiado em Burton Gordon Malkiel (1989), os dicionários normativos surgiram com a função de "informar o usuário a respeito do uso linguístico admissível socialmente" na Antiguidade (WELKER, 2004, p. 183). Os dicionários eram elaborados para representar o gosto dos autores ou do autor, restringir a nomenclatura, excluir os estrangeirismos e para dizer sobre a ortografia, ortoépia ou sintaxe. Se fundavam no uso dos melhores autores do passado ou do presente daquela época. (MALKIEL *apud* WELKER, 2004, p. 184)

Para esse autor, os dicionários se apresentavam em normativos e descritivos. Os normativos e mais antigos informavam que pretendem manter a língua "pura". Os descritivos não mencionam atitudes normativas, diziam que retratavam a realidade linguística (WELKER (2004). O lexicógrafo é necessariamente normativo em um sentido amplo, porque ele

apresenta um registro neutro de uma norma culta. Isso se dá porque:

embora reconhecendo que o usuário, sobretudo o estrangeiro, precisa de informações sobre a língua padrão, a autora propõe que se crie nas escolas uma maior consciência a respeito de normas e de dicionários, para que surja uma atitude mais crítica em relação a autoridade do dicionário nos alunos e nos futuros pais. (RIPFEL *apud* WELKER, 2004, p. 188)

Portanto, para Herbert Andreas Welker, mesmo que alguns dicionários sejam normativos ou descritivos, devia-se observar a sua normatividade ou descrição, ou seja, se a sua intenção de ser normativo é explicitada ou se é velada. Se o dicionário quer ser descritivo, mas, sem revelá-lo, privilegia certos usos e escolhe, declaradamente, o registro neutro de uma norma culta (WELKER, 2004, p. 188). Possivelmente, com a ideia de normatividade ou de descrição da língua iniciou-se naquela época a construção da lexicografia em Portugal.

Dessa forma, a produção lexicográfica em Portugal ganha corpo com as publicações dos dicionários de Raphael Bluteau, Antônio de Moraes Silva e Domingos Vieira. Por volta da metade do século XVI, o primeiro lexicógrafo português, Jerônimo Cardoso, mestre em gramática, formado na universidade de Salamanca, na Espanha, ao regressar, em 1530, para Portugal logo começa a ensinar em Lisboa, e mais tarde publica a sua obra bilíngue que envolve a linguisticografia latina e o estudo da língua portuguesa. Há notícias de que já em 1533 Jerônimo Cardoso trabalhou na redação de um *Dictionarium* para os seus alunos. Em 1570 publica o *Dictionarium latino-lusitanicum e vice-versa lusitanico-latinum*, sua obra bilíngue. Para Telmo Verdelho (1995), em volume único, os dois dicionários são criados nas aulas de gramática de Jerônimo Cardoso como um novo, legível e útil manual que ajuda a modificar as condições de aprendizagem do léxico latino, especialmente nas correspondências vernaculares. (MURAKAWA, 2001, p. 154)

Segundo Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (2001, p. 154), depois do dicionário de Jerônimo Cardoso publica-se em Portugal mais três obras bilíngues, duas do século XVII, o *Dictionarium Lusitanico-Latinum*, de Agostinho Barbosa, em 1611 e o *Thesouro da Língua Portuguesa*, de Bento Pereira, em 1645. A terceira obra é construída no século XVIII, o *Vocabulário Portuguez Latino* do Padre Raphael Bluteau, em 1712.

A primeira obra, *O Vocabulário Portuguez Latino*, do Padre Raphael Bluteau foi impresso entre os anos de 1712 e 1721 em oito volumes

e em diferentes oficinas. Este vocabulário dava continuidade ao espírito evolucionista do Renascimento, foi o primeiro a registrar um *corpus* lexical autorizado para a língua portuguesa. Com esta obra Raphael Bluteau, com a ajuda de diversos autores, "refletiu a sociedade e o pensamento de seu tempo" (MURAKAWA, 2001, p. 154), que além das referências à teologia, a meditação, as cerimônias religiosas e a vida dos santos, o que evidenciava a supremacia da vida religiosa, fazia referências também à monarquia e à Igreja o que mostrava a supremacia das mesmas.

Para Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (2001), quando Raphael Bluteau faz referências aos autores do século XV à XVII avançava na propriedade e usos das palavras, conforme se observa no enxerto:

As palavras não significam por sua natureza, mas por instituição dos homens; & cada Nação, assim como bárbara como polida, deu princípio, & sentido às palavras de que usa. Daqui nasce, que não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso dellas, & deste uso não há evidência mais certa, & permanente, que a que nos fica nas obras dos Autores, ou manuscritos ou impressos (BLUTEAU, prólogo Vol. I, *apud* MURAKAWA, 2001, p. 154)<sup>3</sup>.

Dessa forma, de caráter enciclopédico, o *Vocabulário* de Raphael Bluteau possui extensas e detalhadas definições, que além de sinônimos abrange pormenores descritivos e históricos e às vezes prolonga a definição por inúmeras colunas. No *Vocabulário Portuguez Latino*, a entrada vinha grafada em maiúscula e ao lado a forma minúscula com sua devida acentuação, mostrando assim a sua finalidade didática e a sua sintonia com a língua portuguesa da época. Por exemplo, os acentos das palavras âncora, anatômico, ânimo daquela época continuam até nos dias de hoje. Como era bilíngue trazia a forma latina, o que confirma a importância dos manuais de léxico latino em contraste com os do português. (MURAKAWA, 2001, p. 155)

No enxerto abaixo, do *Vocabulário Portuguez Latino*, a entrada das palavras identificando a que área aquela palavra pertencia, fazia-se as referências que ganharam notoriedade, por exemplo: os exemplos eram sempre acompanhados do nome do autor, obra, tomo, livro, volume e página, e até mesmo de opinião pessoal e juízo de valor, mais tarde essa inovação foi seguida pelos dicionaristas. Tomemos, por exemplo, alguns vocábulos da página 83 do Vol. I de sua obra:

---

<sup>3</sup> Raphael Bluteau: Prólogo do *Vocabulário Portuguez Latino*, 1712 (Vol. I).

ANG	ANG	83
ANGELICA, f. f. huma bebida de agua ardente preparada, especie de rosafolis. (ANGELICAL, adj.) (ANGELICO, adj.) } que diz respeito a Anjo.	ANHELADO, part. pass. de anhelar v. g. b pronuncia-se sobre si. ANHELANTE, part. at. que anhela. ANHELAR, v. n. respirar com dificuldade: <i>M. C. 3, 101. § f. ,, o fogo anhela nas fomalhas Eneide 8. 101.</i>	
ANGELIM, f. m. arvore Brasil. e Asiat. de madeira mui rija. <i>M. Cong. 8. z.</i>	ANHELAR, v. ar. desejar com ancia v. g. ,, anhela as dignidades; e ,, a natureza anhela a perpetuar-se nos filbos ,, Macedo.	
ANGINA, f. f. Med. esquinencia. <i>Curvo.</i>	ANHELITO, f. m. respiração difficil ,, hum açodado anhelito ,, <i>Naufr. de Sepulv. f.</i>	
ANGINHO, f. m. dim. de anjo. § Defunto innocente. § <i>Ficar, ou fazer-se muito anginho ,, frase famil. i. e. mui innocente, e affectadamente albeio do cafo.</i>		

Fonte: Vocabulário Portuguez Latino.

Para maiores esclarecimentos transcrevemos alguns exemplos do enxerto acima, para as considerações:

- a) ANGELICA: substantivo singular, (classe) uma bebida de água ardente preparada (definição), espécie de rosasolis (movimento perpétuo, o sujeito é a coisa e vice-versa. Aqui é um juízo de valor ou opinião pessoal).
- b) ANGELIM: subst. masc. (classe de palavra) arvore Brasil. e Asiat. (local) de madeira mui rija (definição). *M. Cong. 8. z.* (livro, volume e página).
- c) ANGINA: subst. sing.(classe) Medicina (área a que pertence), esquinencia (dor na garganta com sensação de aperto – definição). (antônimo) *Curvo* (curvado – juízo de valor). Faz uma comparação provavelmente depreciativa da dor com a pessoa.
- d) ANHELAR: 1. verbo e nome (classe), respirar com dificuldade (definição) *M. C. 101 § s.* O fogo anhela nas fomalhas (exemplo). *Eneide 8. 101.* (obra). 2. desejar com ânsia. Anhela as dignidades, e a natureza anhela a perpetuar-se nos filhos (exemplo). *Macedo* (provável autor).
- e) ANHO: subst. masc. (classe) cordeiro (definição). *Sá Mir.* (autor) Se esse março não foi de anho, outros virão melhores (exemplo).

Portanto, aduzimos com Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (2001) que o *Vocabulário* de Raphael Bluteau foi caracterizado como um dicionário enciclopédico que refletiu a sua época, cujo imaginário era ligado à nobreza do seu tempo, aos cavaleiros e à igreja.

A segunda grande obra surge após setenta e sete anos da publicação do dicionário de Raphael Bluteau. Esta foi a primeira publicação de um dicionário monolíngue em Portugal, o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva, o qual não se considera como único autor. Cabe ressaltar que esse dicionário não tinha as pretensões enciclopédicas do *Vocabulário* de Raphael Bluteau. Assim como a 1ª edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, a 2ª edição de 1813 possuía a mesma estrutura



e tinha um caráter cientificista com definições objetivas e curtas, sem descrições exaustivas, tinha preocupações de ser preciso na língua, o que dava a obra uma grande praticidade. (MURAKAWA, 2001, p. 156)

A segunda edição de (1813) deste dicionário, publicada pela Tipografia Lacerdina em Lisboa, Portugal, apresenta um *corpus* autorizado pelos autores do século XV a XVIII, era considerado um dicionário de língua, cuja função era registrar o vocabulário usual mais frequente na língua escrita e oral, com todos os seus registros e variações. O *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, avança no seu tempo, sendo uma obra de referência "para quase todos os demais dicionários produzidos em língua portuguesa", conforme Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (2001, p. 156).

Segundo essa autora, importante observar a organização dos verbetes no *Dicionário da Língua Portuguesa* em que se acrescenta "ao lado da entrada a classe gramatical a que pertence a palavra" a sua definição, os exemplos são "abonados com referências a autor, obra, capítulo, tomo, página etc." (MURAKAWA, 2001, p. 157), esta era uma fidelidade que passou a ser característica dos dicionários desde o *Vocabulário* de Raphael Bluteau.

No *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, emprega-se com muita propriedade os modelos de definição lexicográfica que mais tarde são estabelecidos por Dubois (1971) para a definição do verbete "pelo gênero mais próximo e a diferença específica, por descrição do objeto de maneira como é recortado pelo léxico da língua, por sinonímia, por oposição de sentido ou antonímia, ou por definição mostrativa através de exemplos" (MURAKAWA, 2001, p. 157). Essa definição mostrativa foi utilizada como recurso de explicação e descrição do vocábulo na linguagem verbal.

Segundo Maria Tereza Camargo Biderman "é muito frequente nos dicionários, por exemplo na definição de azul: que é da cor do céu, do mar profundo, da água das piscinas" (1984, p. 137), recurso utilizado para tornar mais compreensível quando o referente era um objeto, um ente, ou uma qualidade do mundo extralinguístico, muito típico na referência a animais e plantas em que se mostra um desenho ou uma fotografia etc., um recurso utilizado nos maiores e melhores dicionários. O *Dicionário da Língua Portuguesa* apresentou essas definições mostrativas, nele além de se basear nessas definições e nos escritores portugueses, percebia-se a importância do registro nos vários níveis de linguagem, especificando quando o

verbete pertence à linguagem vulgar, familiar, a gíria, à linguagem obscena, injuriosa, rústica, pastoril ou provinciana. (MURAKAWA, 2001, p. 157)

Este *Dicionário* carregou consigo diversas características conforme demonstrado anteriormente, ainda relaciona, em seus dois volumes, mais de setenta e duas áreas do conhecimento com termos científicos da medicina, farmácia, química, física, matemática, música, história natural e etc., para identificar as rotas das viagens portuguesas Antônio de Morais Silva utilizou, além dos regionalismos de Portugal, as palavras vindo do léxico do Brasil, como cachaça, da Ásia Portuguesa, da Índia e da África.

Por fim, segundo Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (2001), o que se pode depreender desse dicionário é que ele foi uma das maiores inovações de sua época. Antônio de Morais Silva é inovador na estruturação e estilo do seu dicionário, em sua elaboração e, mesmo partindo do Raphael Bluteau, ele organiza sua obra de forma concisa e mais clara, além de acrescentar novos significados. Enfim, o *Dicionário da Língua Portuguesa* marcou a lexicografia portuguesa do século XIX, somente na segunda edição de 1813, Antônio de Morais Silva se torna o autor exclusivo. Mais tarde, José Pedro Machado o reorganiza com o título de *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1949/1959).

A terceira grande obra lexicográfica, segundo Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (2001), foi publicada de 1871 a 1874, pela Casa de Chardron, no Porto, Portugal, é o *Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa* de Frei Domingos Vieira, cujos manuscritos foram entregues pelo bispo do Porto D. João da Fonseca para os editores para publicação conforme consta no prefácio da obra, este passou por uma revisão completa, feita pelo filólogo e ensaísta português Francisco Adolfo Coelho. O *Thesouro* é constituído de cinco volumes e foi considerado um monumento da lexicografia portuguesa pelo seu volume de informações, "com copiosa informação linguística resultante das várias realizações textuais da unidade léxica e pelo rigor das citações". (MURAKAWA, 2001, p. 158)

Dessa forma, o *Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa* apresenta um *corpus* lexical autorizado em seus cinco volumes de autores do século XV até metade do século XIX. Em seu primeiro volume, apresenta dois trabalhos, o primeiro "Sobre a Língua Portuguesa" de Adolfo Coelho e o segundo "Sobre a Literatura Portuguesa" de Teófilo Braga, que traz informações desde as origens da literatura até o classicismo

português. (MURAKAWA, 2001, p. 158)

Cabe aqui ressaltar, segundo essa autora, que o *Grande Dicionário Português* apresentou também, uma *Crestomatia Histórica*, uma coletânea de textos em prosa ou verso escolhidos de obras de vários autores, documentos escritos em latim bárbaro a partir do século IX, com a finalidade didática, uma antologia.

Paulatinamente, os verbetes, do *Grande Dicionário Português*, são organizados de maneira sistemática, são escritos em letras maiúsculas e em negrito, com classe gramatical e informações detalhadas, por exemplo; se o verbo estivesse classificado como substantivo, acompanhava-lhe o gênero, se adjetivo se registrava o duplo gênero; se fosse um verbo, trazia a informação se este era ativo, reflexivo, neutro, transitivo ou recíproco. Além dessas informações, vinha acompanhada a etimologia, a derivação das palavras com o tipo de processo de formação que ocorre. Assim, o Frei Domingos Vieira teve a preocupação de contextualizar a unidade lexical, por exemplo, ao lado da palavra vinha a abonação completa: autor, título da obra em negrito, livro, tomo, capítulo e página, tinha também de trazer as informações científicas com definições exclusivamente científicas, o que tornou o *Grande Dicionário Português* diferente do *Vocabulário Portuguez Latino* de Raphael Bluteau e do *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Morais Silva.

Vejamos no enxerto da página seguinte, o exemplo RAPARIGA: s. f. (Feminino irregular de *Rapaz*), Mulher nova, criança ou adolescente do sexo feminino. – É uma linda *rapariga*. Em seguida vem um trecho do poema de Gil Vicente. Nome de autores, ano, página, título da obra. *raparigo*, *rapariguinha*, trecho de obras de Camilo Castelo Branco, informações científicas do autor Cavalleiro de Oliveira com tomo, livro e número etc.

Segundo Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (2001), com o intuito de ser uma obra completa seus organizadores registram ao lado do verbo os sinônimos e antônimos, adágios e provérbios da língua portuguesa com a intenção de tornar a leitura do verbo mais agradável. Produzido após cento e cinquenta anos do *Vocabulário* de Raphael Bluteau, para essa autora, o *Thesouro da Língua Portuguesa* do Frei Domingos Vieira apresenta um certo enciclopedismo, o que pode ser um deslize, neste caso a autora diz que:

isto se deva ao fato de os organizadores pretenderem fornecer o máximo de informação ao leitor, não se preocupando apenas com informações linguísticas.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Como eles informam na Advertência no 1º volume, pretendiam formar um *dicionário a altura da lexicografia moderna*. (MURAKAWA, 2001, p. 159)

<p><i>Fernandura.</i> Amor, doutor meu senhor. <i>Moço.</i> Raposo-me e degoladoiro! amor, doutor, teme mouro, não ha d'este amor, doutor, um minuto a boca d'ouiro.</p>	<p>e me disse — que a mi pe- mas a culpa que aqui é quem a tem, mal bem a sei. ANTONIO PRESTES, AUTOS, pag. 25.</p>
<p>ANTONIO PRESTES, AUTOS, pag. 299.</p>	<p>— «Que vos guardeis dos rapazes, não vos apedrejem, se souberem que fostes de parecer que larguemos aos inimigos, o que nossos avós nos ganharaõ com tanta perda de seu sangue.» <i>Arte de furtar</i>, cap. 29. — «As idades são agora muito curtas, e se os homens se não adiantarem no exercicio das suas obrigaçoens, terão muito pouco tempo para as usarem. Diz V. M. que creou muito bem seu filho, e que elle he o primeyro rapaz que se agradou de molheres em huma idade tão tenra.» <i>Cavalleiro d'Oliveira</i>, <i>Cartas</i>, liv. 3, n.º 36. — «Diz que todos estes <i>Secandijas</i> andavão em huma <i>Laguma</i> da sua terra, e que muitas vezes se <i>agregou</i> val-os, e conhecel-o sem diversas figuras. O melhor que diz nesta materia, he que tambem conheço em Portugal huma molher que era <i>Lapis-homem</i>, e dous rapazes que erão <i>Bruxas</i>.» <i>Ibidem</i>, liv. 1, n.º 25. — «Os rapazes do meu tempo tambem dizião <i>rro, rro, larrajeira</i>, e assim este uso de dous <i>rr</i> no principio da dicção parece antigo, e ainda que seja bom não he da moda.» <i>Ibidem</i>, n.º 7. — «O escrivão da camara e secretario nosso, tirou na visita onze arrobas de peixe, n'este sitio, e deseais tartarugas e um jacaré pequeno de quatro palmos, com que os rapazes brincaram, os indios encheram as barrigas.» <i>Bispo do Grão Pará, Memorias</i>, publicadas por Camillo Castello Branco, pag. 205. — «Esta senhora, indo visitar a sogra de seu filho conde de S. Lourenço, que casou com a herdeira d'esta casa, sendo muito rapaz, disse á condessa de S. Lourenço, sogra do conde; «Sabeis, marquezã, que João me desatendeu?» — Como assim?» <i>Ibidem</i>, pag. 98.</p>
<p>— Figuradamente: Estender a mão e tirar tudo o que se acha em monte, em uma superficie. — <i>Rapar o bolo ao jogo</i>.</p>	<p>ANTONIO PRESTES, AUTOS, pag. 359.</p>
<p>— Roubar por força ou engano.</p>	<p>— «Porque, se tem a dama rapariga, é justo que lhe mandem cestinho de meio tostão em que ás vezes se fazem grandes viagens, se acerta de ir o preto em pelosinho, quando a simplicidade bota os corninhos ao sol como caracol entre funcho.» <i>Fernão Rodrigues Lobo Soropita, Poesias e prosas ineditas</i>, pag. 82.</p>
<p>En dei ao ploculador, quanto? um de mil e vinte; bem, valente, que raposo o meu senhor melhor que escarnar um dente.</p>	<p>— <i>Moço de soldada, lacaio.</i> 2.) <i>RAPAZ, adj. 2.ª gen. Vid. Rapace.</i> <i>RAPAZA, s. f.</i> Termo popular. Feminino de Rapaz. <i>Rapariga</i>. — <i>Empregado</i></p>
<p><i>Seg. Villão.</i> Que jogou? conde? matae; não fallio; raposo-lh'o, nora. <i>Ferreão.</i> Quei-vos calar, pae, ou não? <i>Grinaneza.</i> E' conde d'ouros? diaci.</p>	<p>— <i>Servilheta.</i></p>
<p><i>IDEM</i>, pag. 381.</p>	<p><i>RAPARIGA, s. f.</i> (Feminino irregular de Rapaz). Mulher nova; creança ou adolecente do sexo feminino. — <i>É uma linda rapariga.</i></p>
<p><i>Pera.</i> Pac, pae, venha a rapariga, E vemos que ella diz: E como diz a cantiga, Traga as testemunhas ca, Sete ou oito abastarão.</p>	<p><i>RAPARIGO, s. m.</i> Rapaz. Forma antiquada, ainda usada no dialeto gallego.</p>
<p><i>Aana.</i> Senhor, senão for per razão, Nunca s'isso provará: Que era o pão onde os achei Mais alto do qu'he essa vara.</p>	<p><i>RAPARIGUINHA, s. f.</i> Diminutivo de</p>
<p><i>GIL VICENTE, FAÇAS.</i></p>	<p>Fonte: Imagem do <i>Grande Dicionário Português</i>.</p>

Conforme a autora, esses três dicionários são fundamentais para a lexicografia em língua portuguesa, apesar de serem confeccionados em épocas diferentes e com suas características peculiares, eles são representativos de uma época e refletem a sociedade de seu tempo. O dicionário para Menendez Pidal (1941, *apud* MURAKAWA, 2001, p. 159), é como "fotografia instantânea, no mesmo dia em que acaba de ser impresso, começa a ficar antiquado, mas levará sempre consigo, nas explicações do passado e na exata explicação do presente, a razão de ser das inovações futuras".

Portanto, para nós, na produção de dicionários, o que vemos são as inovações que nos podem fornecer no futuro. Concorda-se com Marlene Torrezan (2000), quando diz que a linguagem contém uma ação implícita em seu conceito, este se encontra em permanente atividade. Para nós os *jogos* são estabelecidos como uma forma de proteção e identificação da tradição como fez Raphael Bluteau, Antônio de Moraes Silva e Domingos Vieira na sua produção lexicográfica, tivemos também uma produção gramaticográfica paralela àquela produção, aqui o nosso próximo passo é tratar da *Techné Grammatiké* de Dionísio da Trácia.

#### **4. A produção gramaticográfica: a *Techné Grammatiké***

Sylvain Auroux (2014) diz que desde o início do século XIX multiplicaram-se pesquisas atinentes à história dos conhecimentos linguísticos, aqui queremos o que é dito bem antes desse século, buscamos os conhecimentos do que vem dito nos que se voltam para o passado para legitimar uma prática cognitiva contemporânea, nos trabalhos que visam construir uma base documentária para a pesquisa empírica e nos que são homogêneos à prática cognitiva de que derivam, por exemplo, no trabalho de um filólogo das línguas clássicas sobre a gramática, a filologia ou a lógica grega. Temos em mente que:

todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospecção, assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 2014, p. 12)

O primeiro aparecimento de paradigmas sistemáticos de uma terminologia gramatical surge com a necessidade de compreensão de um texto, pois concordamos com Sylvain Auroux, segundo o qual "a gramática é antes de tudo uma técnica escolar destinada às crianças que dominam mal sua língua ou que aprendem uma língua estrangeira" (AUROUX, 2014, p. 27). Para esse autor, nos tempos remotos não se tinha espontaneamente a ideia de se fazer uma gramática, esse corpo de regras explicando como construir palavras para aprender a falar. Na tradição árabe e indiana cria-se a gramática para guiar a língua falada e corrigir os erros, os árabes se preocupam com a pronúncia do texto escrito. Panini dizia que aprendemos a falar nossa língua cotidiana falando, embora todos concordassem que o sistema de escrita carecia ser apreendido de modo especial.

A gramática propriamente dita só surge dois séculos antes de nossa era, na atmosfera filológica da Escola de Alexandria, no âmbito linguístico, remonta aos tempos da Antiguidade Clássica. Segundo Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (2011, p. 07), Dionísio da Trácia, que viveu aproximadamente entre 170 e 90 a.C., é um dos precursores e organizadores da arte da gramática na Antiguidade, a *Techné Grammatiké*, de autoria de Dionísio da Trácia, é um tratado "cujos traços fundamentais ainda hoje estão presentes na maioria das gramáticas ocidentais". Da mesma forma falou-se da produção lexicográfica anterior e do *Vocabulário* de Raphael Bluteau que acabou servindo de aporte para os dicionários subsequentes.

Marcos Martinho (2007) traz a nota introdutória de como era a exposição da *Arte* de Dionísio da Trácia. Esta foi exposta assim:

Na 1ª PARTE ("Cap. 1-4"), Dionísio define gramática, arrola as seis partes desta e, daí, expõe a primeira, isto é, a leitura; na 2ª PARTE ("Cap. 6-20"), expõe o elemento (ou letra), a sílaba, a palavra (ou parte da oração) e a oração –mais precisamente, das letras, expõe as vogais e consoantes; das sílabas, a longa, a breve e a comum; das partes da oração, o nome, o verbo, o particípio, o artigo, o pronome, a preposição, o advérbio, a conjunção –. Entre uma e outra parte, porém, interpõe-se um EXCURSO ("Cap. 5"), isto é, uma breve lição sobre rapsódia. (MARTINHO, 2007, p. 173)

Para esse autor, essas duas partes da *Arte* foi resumida da seguinte maneira:

1ª PARTE: partes da gramática (cap. 1-4)

1. leitura (cap. 2-4)

1.1. interpretação (cap. 2)

1.2. tom (cap. 3)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

1.3. ponto (cap. 4)

EXCURSO: rapsódia (cap. 5)

2ª PARTE: partes da oração (cap. 6-20)

1. partes não-significativas (cap. 6-10)

1.1. elemento (cap. 6)

1.2. sílaba (cap. 7)

1.2.1. sílaba longa (cap. 8)

1.2.2. sílaba breve (cap. 9)

1.2.3. sílaba comum (cap. 10)

2. partes significativas (cap. 11-20)

2.1. palavra (cap. 11)

2.1.1. nome (cap. 12)

2.1.2. verbo (cap. 13)

2.1.2.1. conjugação (cap. 14)

2.1.3. particípio (cap. 15)

2.1.4. artigo (cap. 16)

2.1.5. pronome (cap. 17)

2.1.6. preposição (cap. 18)

2.1.7. advérbio (cap. 19)

2.1.8. conjunção (cap. 20)

(MARTINHO, 2007, p. 173).

A seguir, Marcos Martinho (2007) apresenta a tradução da *Arte* feita a partir do texto grego editado por Gustav Uhlig (*Dionysii Thracis Ars Grammatica*), acerca da gramática:

GRAMÁTICA é a perícia no que o mais das vezes se diz nos poetas e nos prosadores. As partes dela, por sua vez, são seis:– a primeira, a versada leitura com relação à acentuação;– a segunda, a explicação com relação aos tropos poéticos presentes [no que se diz];– a terceira, a exposição corrente de palavras estranhas e também de histórias;– a quarta, a descoberta da etimologia;– a quinta, a demonstração da analogia;– a sexta, o julgamento dos poemas, a qual de fato é a mais bela das que há na arte [gramatical]. (MARTINHO, 2007, p. 174)

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (2011) em *A Gramática de Dionísio da Trácia e seus Contrapontos Semânticos*, e Maria Helena de

Moura Neves (2012), registram que é de 1715 a primeira edição 'moderna' da gramática de Dionísio da Trácia. A *Techné Grammatiké* é "um texto grego que chegou até nós em dezenas de manuscritos medievais (X – XVIII séculos); existindo, ainda, duas traduções antigas: uma em armênio do fim do século V; e outra em siríaco, praticamente contemporânea da primeira" (OLIVEIRA, 2011, p. 7-8). A gramática, nessa época, segundo Dionísio, ganhou o conceito de "conhecimento empírico do que se diz frequentemente nos poetas e nos prosadores" (*idem*, 2011, p. 08); para Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, partindo da definição de Dionísio da Trácia, gramática era um conhecimento não interiorizado, provindo de experiências de análise textual ou filológica.

Para esse autor, o que Dionísio da Trácia fez foi fixar normas a partir de textos de sua época, para preservar a cultura de seu povo, deixando de lado as antecipações lógicas e semânticas sugeridas por Aristóteles, e apresentando apenas preocupações com o nível estoico do signifi-cante.

Ainda, sobre a fundação da disciplina gramatical pelos gregos, Maria Helena de Moura Neves (2012, p. 214) diz que uma indicação importante se refere ao fato de que Dionísio da Trácia, na sua *Téchne Grammatiké*, na linha do pensamento dos gramáticos alexandrinos, distinguiu o discurso em oito partes, compondo um esquema semelhante ao de nossas gramáticas normativas e descritivas tradicionais: nome (*ónoma*), verbo (*rhêma*), artigo (*árthron*), pronome (*antonymía*), preposição (*prótesis*), advérbio (*epírrhema*) e conjunção (*syndesmos*), além de participío (*metoché*), que hoje não está distinguido como uma classe à parte. Essa classificação de Dionísio da Trácia representa reflexões filosóficas de muitos séculos.

Tome-se por exemplo a conceituação dos substantivos e adjetivos. Sabe-se que ocorreram modificações durante a sua história, enquanto termos técnicos. Joaquim Matoso Câmara Júnior (2011, p. 11), considerando inicialmente o grego antigo e as classificações de Dionísio da Trácia, afirma que pequenas modificações foram feitas quando houve a transposição dessa conceituação da gramática grega para a língua latina.

Assim, no tocante à classificação das palavras e de suas flexões, "pode-se dizer que uma teoria das 'partes do discurso' chegou a ser bastante completa e claramente constituída na gramática grega" (NEVES, 2012, p. 218). A denominação portuguesa de substantivo (*hypárktikos*) na



gramática grega não designava classe de palavras; o termo grego para substantivo como classe é *ónoma* (nome), e incluía a noção de adjetivo.

Segundo Maria Helena de Moura Neves (2012, p. 219), Platão dizia que os nomes buscavam imitar a essência das coisas – a *mímesis*. Já Dionísio da Trácia tratava a categoria de nome como *ousía*, aquilo que é, a essência; enquanto Apolônio Díscolo falava em *poiótes*, qualidade. Retirado o compromisso filosófico, segundo Maria Helena de Moura Neves, "fica o substantivo (comum) como o *nome* que dá uma descrição daquilo que é nomeado" (2012, p. 219). Gustav Uhlig, por sua vez, diz que "o nome é a parte da oração que designa a qualidade comum ou própria de cada um dos corpos ou ações empregadas como sujeito". (*apud* OLIVEIRA, 2011, p. 39)

Contudo, quando se fala da construção de dicionários, gramáticas e de suas manipulações, o professor deve jogar no "jogo de linguagem" de Ludwig Wittgenstein, em que as palavras fazem sentido. Assim, podemos trabalhar com a gramática ou com os dicionários na perspectiva da interação comunicativa e se conseguirmos fazer essa integração com os diferentes aspectos do ensino/aprendizagem de língua materna, como leitura, produção de textos orais e escritos, vocabulário e o próprio ensino da língua teremos um ensino profícuo e significativo.

Portanto, diz-se que a língua, é composta por *um sistema* (léxico), como entidade abstrata, com possibilidades, imposições e liberdades; por *uma norma* (vocabulário), como realização coletiva, com obrigações, imposições sociais e culturais, que pode variar segundo a comunidade, e, por fim, por *uma fala* (palavra), como realização individual, com norma em si mesma, cuja variação pode determinar inovações na norma, que juntas darão origem a mudanças no próprio sistema.

## 5. Conclusão

Neste trabalho falamos sobre a construção dos primeiros dicionários em Portugal, e da primeira gramática moderna publicada no ocidente. Dissemos, embasados em Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (2001), que a primeira grande obra lexicográfica foi o *Vocabulário Portuguez Latino*, do Padre Raphael Bluteau, o primeiro a organizar um vocabulário com pretensões enciclopédicas, dissemos, também, que a segunda grande obra foi o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, dicionário monolíngue que tinha um caráter cientificista com

definições objetivas, curtas, era um dicionário prático, e por fim, a terceira grande obra foi o *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa* de Frei Domingos Vieira, um monumento da lexicografia portuguesa com copiosa informação linguística.

Tratou-se, com base em Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (2011) e outros autores, da construção da gramática que fundamentou as nossas gramáticas, a *Techné Grammatiké*, de autoria de Dionísio da Trácia, um tratado “cujos traços fundamentais ainda hoje estão presentes na maioria das gramáticas ocidentais”, conforme exposto acima.

Dessa maneira, os dicionários e gramáticas da língua portuguesa que tratam da tradição lexicográfica e gramaticográfica ocidental são documentos que estabelecem relações entre si, cuja ligação está imbuída de dois sentidos, um de *superfície*, em que as gramáticas e os dicionários se detém nas características visíveis das palavras auditivas ou visuais e de uso geral; e o outro sentido de *profundidade* em que uma expressão tem o seu sentido no uso prático num determinado jogo de linguagem. A gramática e os dicionários têm seus jogos de linguagem e cada um com seu conjunto de regras. É neste sentido de profundidade que a gramática e os dicionários nos serviram de investigação. A partir deles, podemos entender melhor o papel central que a linguagem desempenha.

Portanto, para Juliene da Silva Marques Cardoso (2015), nos estudos filosóficos da linguagem de Ludwig Wittgenstein se percebem as diversas formas e meios com que o homem realiza a comunicação, neste trabalho o homem também realiza comunicação a partir do entendimento da produção dos dicionários de Raphael Bluteau, de Antônio de Morais Silva e Domingos Vieira e da gramática de Dionísio. Esse "processo é de extrema importância, para compreender as diferentes manifestações linguísticas". (CARDOSO, 2015, p. 07)

Conclui-se que somos constituídos e constituímos a linguagem, mas nunca abarcaremos o todo linguístico porque "a língua e sua dinâmica estão em constante movimento e manifestação" (CARDOSO, 2015, p. 07). Por fim, os dicionários: *Vocabulário do Portuguez Latino*, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, o *Grande Dicionário Português* e a gramática: *Techné Grammatiké* com todos seus códigos mutantes e com suas regras nos levam a novos desafios que a linguagem pode nos proporcionar, ou seja, o conhecimento da nossa história e da história da nossa língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2014.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. *Revista Alfa*. São Paulo 28(supl.) p. 135-144, 1984.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARDOSO, Juliene da Silva Marques. Os jogos de linguagem de Wittgenstein como estratégia de proteção. *Revista Científica Ciência em Curso*, Palhoça, vol. 4, n. 1, p. 33-40, jan./jun. 2015.

MARTINHO, Marcos. Dionísio da Trácia, *Arte*. *Revistas.fflch.usp.br*. São Paulo. *Letras Clássicas*, n. 11, p. 153-179, 2007.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição Lexicográfica portuguesa: Bluteau, Morais e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos de português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. *A gramática de Dionísio da Trácia e seus contrapontos semânticos*. Campo Grande: Oeste, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cattus, Feles et Pinguis: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas*. João Pessoa: Ideia, 2015.

SAES, Sílvia Faustino de Assis. *A linguagem*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

TORREZAN, Marlene. Wittgenstein e os “jogos de linguagem”: novas perspectivas para o conceito de educação. *Perspectiva*, Florianópolis, vol. 18, n. 34, p. 159-176, jul./dez.2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10455/9816>>. Acesso em: 06-09-2019.

VIEIRA, Domingos. *Grande Dicionário Portuguez; ou, Thesouro da língua Portugueza*. V. 5: Q-Z. Editora Chardon, Porto: PT., 1871.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Digitalizado pela Universidade de Toronto: Canadá. Robarts Library. Disponível: <<https://archive.org/details/grandediccionari05vieiuoft>>.

Acesso: 06-09-2019.

WELKER, Herbert Andreas. O dicionário e a norma. In: *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Thesaurus, 2004, p. 183-191.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad.: José Carlos Bruni. Petrópolis: Vozes, 1994 [São Paulo: Abril Cultural, 1980].